

## **A MULHER E A SEXUALIDADE: O CONTO DA MULHER DE BATH E DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS**

### **WOMEN AND SEXUALITY: THE WIFE OF BATH'S TALE AND DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS**

Karla Regina Carneiro<sup>1</sup>  
Edenilson Przybyszewski Mikuska<sup>2</sup>

**Resumo:** Quando refletimos sobre a condição da mulher e sua sexualidade na era medieval, vem em nossa mente um estereótipo de uma mulher submissa e indefesa. Este artigo pretende, por meio de análise comparada, mostrar que a conduta da Mulher de Bath, personagem título da obra de Geoffrey Chaucer, diverge desse paradigma formulado de mulher obediente e frágil da Idade Média. A personagem da mulher de Bath tem um perfil moderno, com comportamentos arrojados: ela busca satisfazer seus desejos sexuais e usufruir de tudo o que dá prazer. Assim, achamos pertinente equiparar a personagem de Chaucer à Dona Flor, personagem da obra *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado. A Mulher de Bath e Dona Flor, embora seis séculos as separem, possuem perfis semelhantes, são ousadas, fortes e suas atitudes audaciosas se refletem na defesa de seus direitos ao prazer sexual. Apesar dos contextos sócio-históricos diferentes, as duas personagens se entrecruzam no campo comportamental. A mulher de Bath, com seu discurso descontraído e bem humorado, contraria a imagem da mulher medieval casta e oprimida, ao falar da liberdade sexual, sendo possível identificar semelhanças com a personagem Dona Flor. Pode-se verificar, portanto, que, ao longo do tempo, a mulher assumiu seus desejos e anseios sexuais em busca do prazer. Ela sempre foi autêntica, misteriosa e sedutora. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é desmitificar a concepção de mulher frágil e submissa da Idade Média, que tinha por único papel a reprodução, e reafirmar a imagem da mulher forte e sedutora.

**Palavras-chave:** Idade Média. Mulher. Prazer Sexual.

**Abstract:** When we reflect on the status of women and their sexuality in medieval era, it comes to our mind a stereotype of a submissive and helpless woman. This article aims, through the comparative analysis, to show that the conduct of the Bath's woman, a character of Geoffrey Chaucer, diverges from the paradigm of an obedient and fragile woman of the medieval period. Geoffrey shows a modern daring woman seeking for sexual satisfaction and everything that gives pleasure. Thus, we think it is relevant to match Chaucer's character with Dona Flor, a Jorge Amado's character. The Wife of Bath and Dona Flor, although separated by six centuries, they are both audacious, strong and self-confident that is shown when defending their rights to sexual pleasure. Despite the different socio-historical contexts, the two characters

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º período do Curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês (SECAL). karlinha\_rc@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade (UEPG) - Professor do Curso de Licenciatura em Letras (SECAL). mikuskaep@gmail.com

share common ideas in the ideological and behavioral field. The wife of Bath, with a relaxed and humorous speech, breaks the image of that pure and oppressed woman of her time, and can be identified with Dona Flor some centuries later. It is revealed over time that women assumed their desires and sexual urges. They have always been authentic, mysterious and seductive. From this perspective, the purpose of this article is demystify the concept of a middle age fragile and submissive woman, pointing out to a seductive, strong woman that has always been there.

**Keywords: Medieval Era. Woman. Sexual Pleasure.**

**Sumário:** 1. Introdução - 2. A mulher na Era Medieval: O Exemplo de Bertrade – 3. Erotismo e Sensualidade na Literatura – 4. Considerações Finais – Referências.

## 1 INTRODUÇÃO

Para compreender as atitudes audaciosas das mulheres abordadas na literatura, fez-se necessário inteirar-se do universo feminino na Idade Média, reconhecendo a importância da mulher ao longo do tempo. Nesse contexto, optou-se por iniciar um estudo a partir das ideias da historiadora Régine Pernoud, que em seu discurso contraria essa imagem de gênero feminino como vítima de opressão na Idade Média: Pernoud traça um perfil de mulheres fortes e destemidas na Idade Média, que inclusive ocuparam posições privilegiadas na sociedade.<sup>3</sup>

A historiadora dá conta de mulheres decididas e donas de sua própria identidade, que não hesitam em demonstrar seus desejos e instintos sexuais, opondo-se à tradicional representação feminina, retratando as mulheres como inocentes, frágeis e submissas.

Assim, a metodologia utilizada para se abordar o tema da sexualidade, foi de natureza bibliográfica. O referencial teórico contribuiu para uma melhor compreensão da sexualidade feminina a partir de uma perspectiva histórica:

O que é fecundo na pesquisa histórica é, pelo contrário, esse obstáculo, ou, antes, esses obstáculos perpetuamente encontrados, que se opõem aos nossos preconceitos e nos conduzem a modificar as nossas ideias preconcebidas. Uma ideia preconcebida à partida é, certamente,

---

<sup>3</sup> Um exemplo que serve de ilustração é o hábito medieval da coroação das rainhas, o que demonstra que a elas era dado o mesmo valor que se dava aos reis (PERNOUD, Régine. **O Mito da Idade Média**. Portugal: Europa-América, 1977, p. 89.)

estimulante, mas é preciso saber resignar-se a abandoná-la todas as vezes que os documentos o imponham.<sup>4</sup>

A pesquisa bibliográfica de cunho historiográfico nos auxilia a evidenciar os comportamentos de uma sociedade em determinada época, enquanto que a literatura permite reconstruir peça a peça personagens com intuito de esclarecer alguns contextos, mas de uma forma prazerosa. Assim, ela enriquece o conhecimento e alarga os horizontes, enfim traz benefícios e progressos para a humanidade.

## 2 A MULHER NA ERA MEDIEVAL: O EXEMPLO DE BERTRADE

Ainda em pleno séc. XXI permeia-se um conceito errôneo quanto à história das mulheres medievais. Tal conceito baseia-se em mitos que não correspondem à realidade, conforme nota-se em trabalhos que investigam o período medieval. A imagem da mulher oprimida revela-se mais um mito que uma verdade.

A ideia que temos à respeito das mulheres da Idade Média é de donzelas em perigo que são libertadas por seus cavaleiros. Essas histórias nos sugerem um cenário em que a mulher é frágil e totalmente dependente da força masculina. No entanto, são contos e romances que não refletem a realidade que nos dá conta a pesquisa historiográfica, mas que eram muito comuns e populares nessa época. Sobre a importância do conhecimento histórico escreve Pernoud:

Acreditar que a história se faz nos nossos cérebros, que ela se pode construir como se quer, é provavelmente um dos erros capitais do nosso tempo [...].

[...] A história tem o seu domínio. Ela deixa de existir se já não for buscada verdade fundada em documentos autênticos; ela evapora-se literalmente; melhor: ela já não é senão fraude e mistificação.<sup>5</sup>

Um exemplo de mito sobre a Idade Média são os relatos de que as mulheres usavam cintos de castidade quando seus maridos saíam em viagem. A historiografia comprova que isso é pura invenção, pois não existem documentos que validem essa

---

<sup>4</sup> PERNOUD, Régine. **O Mito da Idade Média**. Portugal: Europa- América, 1977, p.155.

<sup>5</sup> PERNOUD, Régine. **O Mito da Idade Média**. Portugal: Europa- América, 1977, p.128-129.

ideia. Na realidade, o prazer sexual era muito bem recomendado pela medicina, o orgasmo era indicado para o bem estar e saúde das mulheres.<sup>6</sup>

Na alta Idade Média as mulheres se sobressaíram, pois tiveram acesso às artes, ciências, e principalmente à literatura. A mulher nessa época foi muito respeitada, era vista como uma fonte de inspiração artística: a razão para a produção da poesia e romances de cavalaria. A Literatura medieval foi muito tratava a mulher como modelo de beleza e perfeição:

[...] soube-se na Idade Média fazer ressaltar melhor que em qualquer outra época, o duplo aspecto do eterno feminino. Ao lado da Virgem - da mulher respeitada, honrada, aquela pela qual se morre de amor, e de quem só se aproxima tremendo- há Eva a tentadora, por quem o mundo foi perdido [...].<sup>7</sup>

O poder da inteligência é encontrado em muitas mulheres medievais. Pode-se destacar o exemplo de Bertrade de Montfort, mulher que inspirou uma grande paixão no conde Foulques de Anju. Casando-se com ele, porém, mais tarde veio a traí-lo com o rei da França Filipe I. Felipe I acaba sendo excomungado pela igreja, pois, deveria retomar seu casamento com Berta da Frísia e abandonar Bertrade, no entanto, ele teve dois filhos com a amante. Consta que Bertrade mandou abrir as portas de uma igreja e exigiu que rezassem missa somente para ela, pelo fato de cessarem as missas e fecharem as portas das igrejas para Filipe I que estava excomungado.

Essa atitude para uma mulher medieval é muito significativa, já que mostra sua coragem. Nesse contexto, a mulher não era uma vítima da sujeição, prova disso é a própria rainha Bertrade que ultrapassou muitas barreiras, seu encanto e poder de sedução eram inquestionáveis, sua vida é relatada pelos diversos escândalos e aventuras. O desconcerto se instaurou entre os homens por sua causa.<sup>8</sup>

O conde de Anju estava enfeitiçado por Bertrade, mesmo sendo ridicularizado, essa mulher conseguiu presidir um banquete e colocar o marido e seu amante juntos. Como se vê, sua habilidade com os homens foi notável: ela almejava

---

<sup>6</sup> NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo**. São Paulo: Leya Brasil, 2013, p. 61.

<sup>7</sup> PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Portugal: Europa- América, 1997, p. 80.

<sup>8</sup> PERNOUD, Régine. **A Mulher no Tempo das Catedrais**. Portugal: Gradiva, 1980, p. 123-124.

algo a mais do que estava ao seu alcance, e para conquistar seus objetivos usava seus próprios atributos que não eram pouco sedutores:

Bertrade era uma destas mulheres cujo encanto e sedução que exercem resultam do charme, um pouco no sentido dado ao termo nos tratados de feitiçaria. [...] E acrescenta-se que se tratava duma mulher cheia de poder, muito experiente na arte feminina de se fazer admirar.<sup>9</sup>

Por sim, após a morte de Filipe I, Bertrade resolve reassumir seu lugar ao lado do conde, já que “ela tinha-o amansado tão bem [...]”.<sup>10</sup>

A imagem da mulher submissa ao marido e totalmente dependente está fortemente ligada ao pensamento corrente sobre a Idade Média, desse modo, a literatura é considerada a forma mais expressiva de retratar o que acontece na sociedade. Bertrade, contrariando a imagem que se tem da mulher medieval, representa a figura feminina que possui uma personalidade fortíssima: os homens literalmente tornaram-se um marionete em suas mãos, submetendo-se a sua vontade.

É necessário esclarecer que a literatura medieval, principalmente nos romances de cavalaria, apresentava-se a mulher como um ser quase divino, digno de toda adoração: era o chamado amor cortês, em que a mulher medieval era muito valorizada: “A mulher é apresentada como uma criatura semi-divinizada: formoso corpo, rosto claro, resplandecendo tanto como ouro ao sol – são modos cheios de graça. Ela representa para o cavaleiro o ideal de toda perfeição.”<sup>11</sup>

A personalidade e o espírito medieval encontrado nas poesias é a marca mais autêntica da sociedade: em suas obras literárias, o compromisso da fidelidade à dama é primordial, pois é ela quem domina: “o verdadeiro amante deve estar pronto a tudo afrontar por amor: proezas físicas, tormentos morais, angústias das separações, nada lhe deve ser difícil quando se trate de conquistar aquela que ama.”<sup>12</sup>

Assim, semelhantes à notável figura histórica de Bertrade, selecionamos duas obras da Literatura que, comparadas, nos permitem visualizar através das

---

<sup>9</sup> Ibid., p.124.

<sup>10</sup> PERNOUD, Régine. **A Mulher no Tempo das Catedrais**. Portugal: Gradiva, 1980, p. 124.

<sup>11</sup> PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Portugal: Europa- América, 1997, p.79.

<sup>12</sup> Ibid., p. 78.

representações femininas uma mudança na posição social e na voz dessas mulheres acerca dessa dominação masculina, impregnada na imaginação corrente sobre a mulher na Idade Média.

Nesse cenário, as relações vividas pelas personagens no *Conto da mulher de Bath* e *Dona Flor e seus dois maridos*, embora de tempos diferentes, são muito semelhantes e nos mostram como uma identidade feminina construída tendo como referência a temática da sexualidade. Seus instintos, desejos e vontades são manifestados de uma forma excepcionalmente natural, conduzindo o leitor para um saber marcado pelo humor com uma linguagem até mesmo picante, característica singular dos autores escolhidos.

### 3 EROTISMO E SENSUALIDADE NA LITERATURA

Geoffrey Chaucer é considerado um escritor de grande destaque da Literatura Inglesa. Em sua obra *The Canterbury Tales* (*Contos da Cantuária*), escrita no ano de 1386, trata de peregrinos que estão viajando juntos para visitar o túmulo do Santo Tomás Beckett, que fora Arcebispo de Cantuária, e decidem cada um contar algumas histórias. Uma dessas histórias é o conto da mulher de Bath.

Para a construção de uma identidade sexual, tomamos como base a representação simbólica da personagem Alice, à mulher de Bath. Antes de iniciar seu conto, fala de casamento de uma forma espirituosa. Em seu prólogo, ao defender seu prazer sexual, vemos serem levantados alguns questionamentos:

[...] qual a finalidade dos órgãos de reprodução? E por que foram formados desse modo tão engenhoso? Acreditem-me, se foram feitos, é lógico que foram feitos para alguma coisa! [...] na minha opinião, eles foram feitos para as duas coisas, isto é, para o serviço e para o prazer da procriação[...] <sup>13</sup>

A obra estudada, embora, seja escrita por um homem, representa muito bem o poder da figura feminina: apesar de ser viúva de cinco maridos ela apresenta-se ansiosa pelo sexto. Justifica-se aludindo até mesmo o Rei Salomão, que, segundo a

---

<sup>13</sup> CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. São Paulo: Quatro, 1988, p. 106.

tradição, teve muitas mulheres. De qualquer forma essa poderosa sexualidade causou muitas críticas.<sup>14</sup>

Com uma intertextualidade engraçadíssima, ao citar a Bíblia, Alice faz uma reflexão dos mais variados assuntos como castidade, celibato e virgindade, porém deixa claro que sua existência foi feita para o matrimônio e para sua satisfação sexual.

[...] Aceito a condição que Deus me destinou; não sou exigente. Por isso, no casamento sempre hei de usar meu aparelhinho com a mesma generosidade com que ele me foi dado pelo Criador. Que Deus me castigue, se um dia eu me tornar difícil ele estará noite e dia à disposição de meu marido, sempre que sentir vontade de vir pagar seu débito.<sup>15</sup>

Percebe-se que os pensamentos de Alice no conto mostram que o prazer que o sexo proporciona não é só privilégio dos homens. Ela é uma mulher moderna assim como a independente Florípedes de *Dona Flor e seus dois maridos*.

Alice possui grande estima pelo casamento, bem como é a favor dos preceitos cristãos. Mas se revela uma mulher de opinião ao defender suas aspirações:

A mulher prudente, quando precisa do marido, deve fazer de tudo para cativá-lo, mas eu, que tinha a todos na palma da mão e já era dona das suas propriedades, por que razão iria satisfazê-los, se não fosse também por minha conveniência e meu prazer? É esse o motivo, palavra, porque os punha a trabalhar à noite e os fazia gemer [...].<sup>16</sup>

Como se nota, a atividade sexual é entendida como algo natural, pois, através dela temos não apenas a procriação, mas também os prazeres que ela oferece e que são vistos como uma necessidade a se satisfazer, característica própria do ser humano.<sup>17</sup>

Para Bloom, Chaucer retrata a mulher de Bath de forma muito agradável, como uma mulher extremamente envolvente e que fascina com sua inteligência, “[...] o que é apavorante na esposa é seu incessante pique e vitalidade: sexual, verbal, polêmica. Sua pura exuberância de ser não tem antecedente literário [...]”<sup>18</sup>

Nesse sentido, toma-se como base a personagem Dona Flor da obra amadiana. Jorge Amado publica *Dona Flor e seus dois maridos* em 1966.

<sup>14</sup> BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 152-154

<sup>15</sup> Op. cit., p.106.

<sup>16</sup> CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. São Paulo: Quatro, 1988, p. 106.

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 46.

<sup>18</sup> BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 152.

Semelhantemente à Mulher de Bath, temos o perfil de uma mulher adorável e sedutora, digna, bem vista perante a sociedade, mas que também expressa suas vontades como ser humano.

O romance retrata de forma marcante a personagem feminina que mantém um triângulo amoroso. Os desejos são revelados pela personagem no decorrer da narrativa, descortina-se o sexo de uma forma natural, conseqüentemente, para que deixe de ser visto como algo negativo.

Dona Flor teve um primeiro casamento marcado pela vida boêmia e infiel de seu marido Vadinho, no entanto, ela traz na lembrança sua plena satisfação sexual que ele proporcionava.

Com a morte de seu marido Dona Flor permitiu-se um tempo de luto, inconformada, transparecia sua tristeza, porém, seus desejos afloravam: “por fora, o recato em pessoa. Calma de semblante e retirada, parecendo a própria mansidão; por dentro, ardendo de desejo, em fogo consumida...”<sup>19</sup>

Seu segundo casamento foi com Teodoro que era o avesso de seu primeiro marido, pois tinha uma vida cercada de padrões éticos e morais. Embora ela encontre a verdadeira segurança que sempre buscou no casamento, faltava-lhe a paixão avassaladora e o correspondente desejo que se encontrava na vida conjugal anterior.

Nessa situação Dona Flor vive a ambigüidade em seu casamento, cercada pela vida tranquila e recatada, não consegue reprimir seus desejos. Ela busca suas fantasias eróticas, chamando por seu primeiro marido que ressurgiu, travando uma batalha entre o espírito e a matéria.

Um dos contrastes dos personagens masculinos é evidenciado no pensamento machista de Teodoro quando Dona Flor toma iniciativa, chamando-o para a consumação do ato sexual: “não confundas, na cama, tua esposa com mulher da vida, com despudorada marafona; com meretriz paga a satisfação do homem [...], [...] As esposas são reservadas para o amor.”<sup>20</sup> Nessa passagem esse personagem distingue a mulher virtuosa, de outra, ou seja, mulher da vida, como se as mulheres para se casar não tivessem direito ao prazer, prazer que supostamente

---

<sup>19</sup> AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus Dois Maridos**. 52. ed. Bahia: Record, 2001. p. 219.

<sup>20</sup> Ibid., p. 268.



degenera o caráter dessas mulheres, pois, algumas atitudes tornam-se inadequadas para uma mulher digna e reservada para o matrimônio, e, assim, Dona Flor se submetia a vida rotineira sem muitas emoções.

A característica da vida costumeira em que Dona Flor estava vivenciando, é observada na passagem na qual escreve uma carta à irmã Rosália, um pouco antes do primeiro aniversário de casamento:

[...] o tempo passa e o doutor não muda, a mesma polidez, o mesmo sistema, o mesmo trato, sempre igual, um dia atrás do outro. Posso dizer o que vai acontecer a cada instante, no passar das horas, e sei cada palavra, porque hoje é igual a ontem. Transcorrendo assim a vida, suave e plácida, nesse lento e invariável ritmo [...].<sup>21</sup>

O pensamento do personagem na obra de Amado referencia o séc. XX, a figura feminina moderna é avaliada pelo seu valor em padrões estabelecidos pela sociedade da época, ou seja, por seu comportamento. Dona Flor e Alice são personagens femininas que despertam olhares, são mulheres fortes, alegres, quentes, fogosas e com uma sensualidade que impressiona.

Dona Flor alcançou uma vida tranquila e equilibrada ao lado de Teodoro, porém, ele era o oposto de Vadinho. Ela reconhecia seus desejos, não encontra sua plena satisfação sexual com seu segundo marido como era com Vadinho: “Um fogo a consumia, vindo da boca de Vadinho, de seu hálito, e seus dedos queimavam lhe a carne como chamas.” “[...] Vadiaram até não mais poder, quando ela então puxou a colcha, se cobriu e adormeceu.”<sup>22</sup> E assim manteve seu triângulo amoroso.

As auras dessas mulheres resplandecem e a alegria de viver complementam seu brilho, e conseqüentemente atraem atenção. Mesmo quando já não são tão jovens, mantêm a graça e o humor:

[...] ainda hoje sinto lá dentro uma satisfação enorme só de pensar como aproveitei bem a vida enquanto pude. Mas depois veio a idade, que envenena tudo, e me roubou a beleza e o pique... Não faz mal. Adeuzinho! Vão para o diabo! Acabou-se a farinha, não há o que discutir: agora faço o que posso para vender o farelo, sem perder a alegria de viver.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 339.

<sup>22</sup> AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus Dois Maridos**. 52. ed. Bahia: Record, 2001, p. 107.

<sup>23</sup> CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. São Paulo: Quatro, 1988, p. 109.

A mulher de Bath sabia exatamente quem era, e admiravelmente se traduz em experiência o que a vida lhe proporcionou.

Não tem desejo de mudar, e portanto manifesta durante todo seu prólogo uma viva resistência a envelhecer, e portanto à forma final da mudança, a morte. O que se altera de fato nela é o tom de sua alegria, que passa da exuberância natural para um vitalismo altamente consciente de si.<sup>24</sup>

Os enredos desse romance bem como o conto abordado mostram detalhadamente, que além do amor romântico, existe um ser humano com vontades e desejos sexuais a serem supridos. A narradora Alice do *Conto da mulher de Bath*, encerra seu divertidíssimo conto reivindicando a igualdade ao prazer sexual, pois, as mulheres têm o direito de se divertirem da mesma forma que os homens.

Que Jesus Cristo mande a nós também maridos dóceis, jovens e fogosos na cama... e a graça de podermos sobreviver a eles! E, por outro lado, encurte a vida dos homens que não se deixam dominar por suas mulheres, e que são velhos, ranzinzas e aventosos... Para esses pestes Deus envie a Peste!<sup>25</sup>

A mensagem espirituosa utiliza princípios cristãos, pois ela é a favor do casamento assim como Dona Flor que se preocupa com sua imagem de mulher honrada, mas como defende o prazer, ela se beneficia com humor e ironia de sua inteligência para referenciar às pragas que assolaram o Egito para opor-se aos homens que não se deixam dominar.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidenciado que, ao contrário do senso comum, a Idade Média foi um período em que a mulher foi bastante valorizada. Por meio da Literatura, entendida como instrumento de grande relevância para compreensão das dinâmicas sociais, podemos conhecer duas marcantes personagens que contribuem para elucidar as condições de igualdade quanto aos prazeres sexuais entre homens e mulheres.

---

<sup>24</sup> BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 157.

<sup>25</sup> CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. São Paulo: Quatro, 1988, p. 109 e 118.

Procurou-se demonstrar, por meio das obras literárias aqui abordadas, a existência da mulher exemplar segundo os padrões morais vigentes, aquela que cumpre com seu papel na sociedade, mas, que também possui anseios e desejos, e os realiza.

O erotismo feminino, assim como a sensualidade são características das personagens Alice e Dona Flor. Embora de séculos diferentes, elas demonstram o mesmo comportamento, possuem valores conservadores, regrados pela sociedade, cada qual em sua época, porém, asseguram que o prazer que o sexo proporciona não deve se restringir somente aos homens. É oportuno salientar que, as mulheres abordadas, uma do séc.XIV e outra do séc.XX, Alice e Dona Flor respectivamente, são personagens retratadas em contextos distantes no tempo, mas realmente envolvidas quanto as questões da sexualidade feminina, marcadas pela desenvoltura, assumem uma identidade, agem espontaneamente, provando que sabem seduzir e tem direito ao prazer.

Mas que tipo de mulher nós tínhamos no séc XIV? De acordo com a nossa análise, Alice, a mulher que aqui representa o séc. XIV assemelha-se muito à mulher que representa o séc. XX. As obras aqui estudadas sugerem aos leitores que as mulheres assumam seus anseios, garantindo a liberdade feminina. Assim, desconstrói-se, portanto, o preconceito de uma cultura marcada por relações de poder, possibilitando um novo olhar quanto à imagem da mulher que busca sua liberdade sexual.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Dona Flor e seus Dois Maridos**. 52. ed. Bahia: Record, 2001.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

CHAUCER, Geoffrey. **Os Contos de Cantuária**. São Paulo: Quatro, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O Uso dos Prazeres**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Portugal: Europa- América, 1997.

\_\_\_\_\_. **O Mito da Idade Média**. Portugal: Europa-América, 1977.

\_\_\_\_\_. **A Mulher no Tempo das Catedrais** . Portugal: Gradiva, 1980.

NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da História do Mundo**. São Paulo: Leya Brasil, 2013.